

REVISTA TRICERATA

ISSN: 2675-9349

N° 06 Agosto, 2021

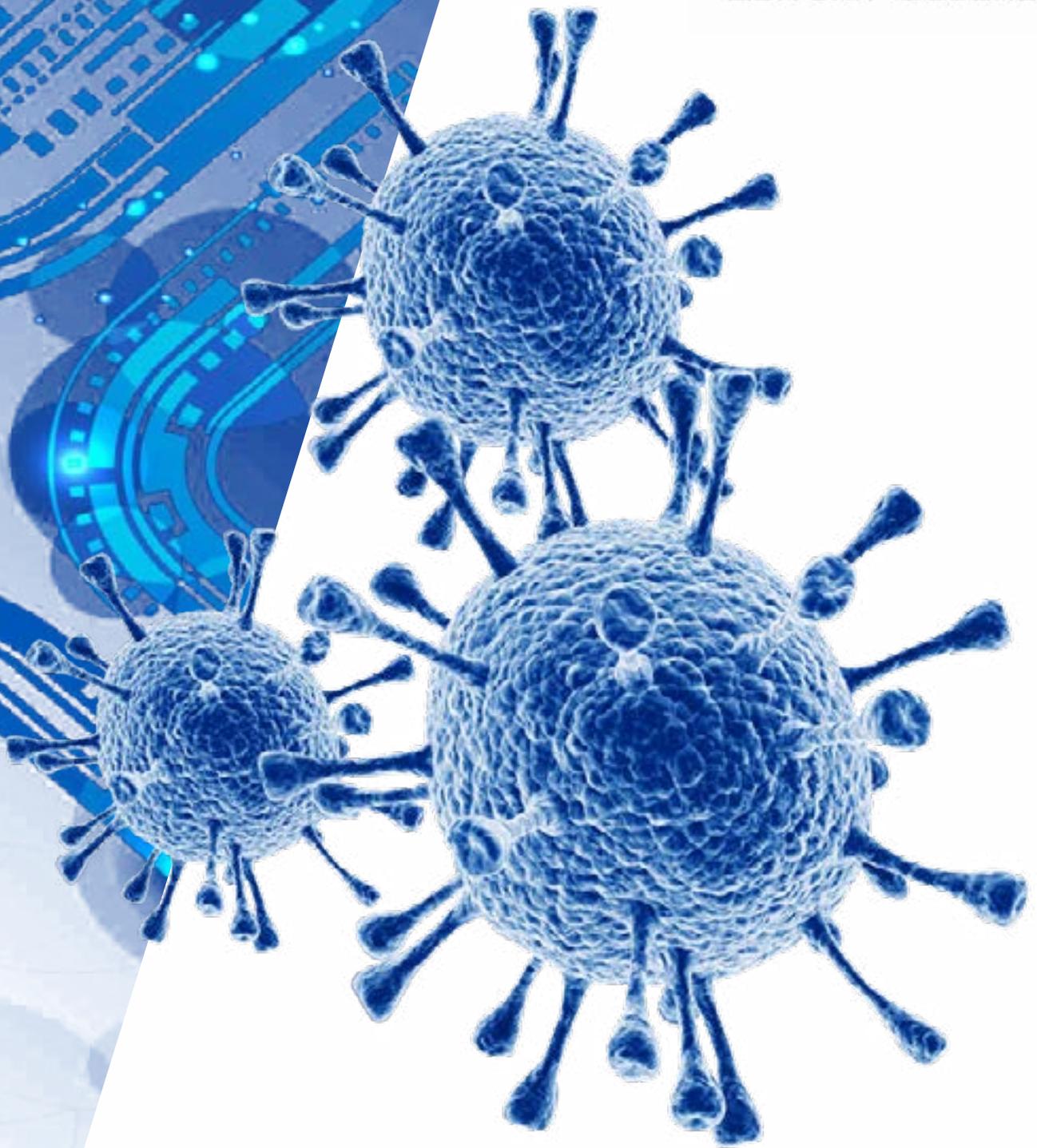
BIO-PUNK



EDITORIA CYBERUS

ÍNDICE

- 04 EDITORIAL
- 06 BIOPUNK
Por Pedro Guerra Demingos
- 08 CONTO "COMA À VONTADE!"
Rodrigo Moreno
- 15 CONTO "PARASITOSE"
Humberto Lima
- 23 CONTO "SAL"
Debora Cristina Grosko
- 26 CONTO "DIAS MELHORES"
Pedro Guerra Demingos
- 28 AS VAMPIRAS DE GIULIA MOON
Por Malena Regina
- 30 NOVIDADES E LANÇAMENTOS



REVISTA TRICERATA

EDITORIAL

A Revista Tricerata chegou!

Uma revista bimensal exclusivamente digital de fantasia, ficção científica e horror. A revista traz o melhor destes três gêneros da literatura fantástica em colunas e conteúdos singulares, desde entrevistas com autores a novidades da editora.

Esta sexta edição traz alguns contos biopunks, além de uma matéria sobre este subgênero parente do cyberpunk e uma resenha da obra *Flores Mortais* de Giulia Moon.

Maurício Coelho
Editor-chefe

A Revista Tricerata é uma publicação independente.
Ajude-nos curtindo as redes sociais da editora.
Acesse pelas imagens abaixo:



EXPEDIENTE

Fundador e editor-chefe:

Maurício Coelho

REVISTA TRICERATA

Capa:

GrandeDuc

Design e diagramação:

Ana Ferreira

Todas as imagens utilizadas nesta revista são imagens livres de direito.

BIOPUNK

HOJE E AMANHÃ

POR PEDRO GUERRA DEMINGOS

O gênero Biopunk é filho do Cyberpunk: um herdeiro que tentou seguir os passos do pai formado em ciência da computação, mas largou o curso no primeiro semestre e foi estudar biotecnologia. Assim como o Cyberpunk, o Biopunk está centrado na justaposição “alta tecnologia, baixa qualidade de vida”, mas com ênfase na biologia sintética. Em função disso, o gênero é um banquete de temas promissores: engenharia genética, doenças projetadas, cobaias humanas, supersoldados, biohackers, mutações, monstros, parasitas e clonagem—tudo isso em cenários nos quais um regime totalitário ou grandes corporações oprimem a população, de onde

surgem inúmeros personagens marginalizados. Como muitos gêneros Punk, o Biopunk também pode trazer uma estética própria: um visual orgânico, no qual edifícios, automóveis e até armas são organismos vivos, que nascem e crescem em vez de serem construídos.

As raízes do Biopunk podem ser encontradas nos primórdios da ficção científica, em obras como *Frankenstein*, de Mary Shelley. Seus elementos estão presentes em grandes séries da atualidade, como *The Expense*, de James S. A. Corey. Clayton de La Vie inaugurou o gênero no Brasil através do livro *O Último Ruivo*, e a Editora Cyberus está para lançar a primeira antologia

de contos Biopunk organizada em território nacional – com o melhor que esse gênero tem a oferecer. Os temas do Biopunk também chegam ao cinema, em animações como *Akira* (1988) e filmes como *Gattaca* (1997), bem como os jogos, como a franquia *BioShock*.

Esse é o rosto do gênero até então. Agora, sob a influência da pandemia da COVID-19, é de se esperar que as narrativas entrem em uma nova era – não apenas aquelas com elementos Biopunk, mas histórias distópicas em geral. Nós vimos em primeira mão que governos totalitários, não podendo criar doenças sintéticas, às vezes recorrem à vacinação de um vírus natural como veículo de corrupção, às custas de centenas de milhares de vidas. Aprendemos que os oprimidos, ao invés de se levantarem contra seus opressores, muitas vezes os aplaudem com cantos e dancinhas, como uma boiada sendo conduzida pelo

que outrora fora a floresta amazônica. Carregamos em nós as cicatrizes de uma pandemia real – o medo, o cansaço, a ansiedade – e aprendemos que essa luta não é travada apenas com músculos geneticamente modificados.

O mundo tornou-se tão absurdo que já nos parece impossível, e por isso temos fé na ficção. Mas as histórias que contamos fazem mais que servir de escape: elas devem nos alertar, nos preparar para o que pode dar errado. O coração da ficção especulativa é a pergunta “e se?”. Agora que a pandemia se aproxima do fim, é hora de calçarmos mais uma vez nossas botas distópicas e nos aventurarmos em futuros sombrios, com a esperança de que, ao contá-los, possamos evitar que eles se tornem realidade.



COMA À VONTADE! CURA À VENDA NAS MELHORES FARMÁCIAS

Rodrigo Moreno

Sentado na tampa da privada, um frio percorrendo o corpo por dentro, gemia. Vontade de chorar. A pia jorrava água. Ouvia as crianças brincando com o café da manhã na sala de jantar. O café da manhã era composto lácteo Lactinho's (com tudo que as crianças precisam!), com achocolatado do Coelhoonauta (o melhor amigo do seu filho!) sabor morango, torradas Croquetes e maçãs da FruteiraDoce, frutas industrializadas, modificadas para dar um sabor melhor.

Saiu do banheiro cambaleando. Ana já havia preparado seu almoço com carne DoRei, (carne de melhor qualidade é DoRei!) A esposa jovem e o casal de filhos, ele de oito, ela de sete, o esperavam para o café. O receberam com afeto.

— Bom dia, pai!

— Amor, o café já vai esfriar!

Na parede perto da mesa, um grande retrato da família na praça do condomínio. Em outra parede uma enorme tela de tevê exibia o desenho do Coelhoonauta. Intervalo. Um anúncio.

“Seja radical! Experimente o novo Pop Ice sabor tangerina. Simplesmente sab...”

Falaria agora? Não. Enquanto não falasse, ainda seria uma bela manhã de segunda-feira. Logo iria ao trabalho e tudo seria normal. Enquanto mantivesse esse segredo, o problema que carregava não seria real. Mas era, não queria acreditar, não com ele. Zeta, o computador central da casa, não falhava em seus exames de rotina.

Controlou o desespero quando viu Carolina comer uma daquelas torradas. Ela só tinha sete anos. Quanto tempo ainda teria?

— Ô, parceiro, tá prestando atenção no meu pedido?

Estava no trabalho e a reclamação do cliente, um gordo de meia-idade, com seu novo funcionário lhe acordou para isso.

— Desculpe, senhor. Pode repetir o pedido? — Saulo, um jovem no primeiro emprego, atendente com menos de um mês e diversos elogios, acabava de conseguir uma reclamação pro serviço de atendimento ao consumidor da franquia.

— Duas galinhadas da casa e dois Pop Ices de tangerina.

— Perdão, repita o sabor por gentileza.

— Tangerina. Cadê o gerente, hein!

O gerente estava ali, mas com a cabeça pensando no resultado do exame. Haroldo, gerente da Fazendinha, uma das maiores redes de alimentos para viagem do país, ainda ontem citado como gestor padrão da rede, hoje recebeu a pior notícia da sua vida.

— Calma, amor. O rapaz é novato — disse a namorada do cliente, bem mais nova que ele. Ela pagou a conta.

Laura, a cozinheira, em cinco minutos montou o pedido, mais um minuto e aquele casal partiu. Haroldo teve um breve momento de prazer quando viu aquele sujeito grosso pegar a comida e cair fora. Ele nem imaginava como era feita aquela galinhada tão elogiada. Pop Ice? Outro veneno que estava fazendo sucesso principalmente entre os mais jovens. O casal entrou no carro esporte e partiu. Não eram daquele condomínio, deveriam ser do Vila Azul, lá é que está cheio desses metidos a merda.

Saulo no balcão pensativo. O motivo não parecia aquele cliente chato.

— Tudo bem, Saulo?

— Sim, Seu Haroldo.

Embora o sorriso fosse sincero, o olhar era vazio, perdido no fim de uma linha imaginária. Não queria compartilhar seu problema. Haroldo entendia bem isso.

— Quer tirar o dia de folga? Tua mulher pode estar precisando de ti pra ajudar com bebê.

— Não, Seu Haroldo. Obrigado, mas eu tô bem.

Haroldo se aproximou mais do rapaz.

— Teu exame deu positivo, não foi? Está com aquela doença?

Saulo segurava as lágrimas. Confirmou com um gesto de cabeça.

— Onde? Posso saber?

— Estômago.

— O meu também. Segundo o computador lá de casa, é do tipo bem agressivo.

— Todos são.

— Verdade. Acho que só tenho um ano, no máximo, Saulo. Ainda me lembro quando me mudei pra esse condomínio. Achava Vale Dourado um nome bonito. Meus filhos cresceram aqui. Foram poucas vezes a cidade. Sempre estudaram aqui, o nosso centro médico sempre nos supriu, temos parque de diversão, um shopping com cinema e três supermercados, além de uma praia artificial. Aqui é um paraíso. Mas hoje, depois de descobrir que vou morrer em breve, pretendo levar meus filhos pra conhecer o mundo além desses portões.

— Não tem muita coisa na cidade não, Seu Haroldo.

— Tem sim. A realidade.

— E o Anderson? Teve notícias dele, Seu Haroldo?

— Liguei ontem pra casa dele. A mulher dele falou que o nosso amigo já não fala, nem se mexe. Já foi desacreditado pelos médicos.

— O país inteiro está doente! — gritou alguém na praça de alimentação, um rapaz com cartaz NÃO COMA CARNE acompanhado de umas cinquenta pessoas. — Prestem atenção! A carne que vocês comem é um veneno! É feita de clone de animais modificados para essa finalidade mais vários elementos químicos. Tudo puro veneno! É isso que tá causando essa doença que não tem cura! Não comam carne! Comam verduras, legumes, frutas, o verdadeiro alimento da natureza! Abandonem a carne enquanto podem!

— São aqueles doidos do movimento Pró-Vegetal. — falou Saulo. — Tentam convencer o povo a não comer mais carne só porque não é pura.

— O quilo da carne pura é o dobro do meu salário. — Haroldo riu. — Eles são loucos se pensam que o povo pode comer só folha e frutinhas. Precisamos de carne, o problema é que já que é tão cara uma carne de animal de verdade...

— Muita gente vai continuar consumido essa carne falsa e morrendo... — completou Saulo.

Um breve silêncio reflexivo entre os dois.

— Olha eles ali de novo, chefe.

Haroldo olhou na direção que o dedo de Saulo apontava. Uma mãe malvestida com uma criança no colo e dois meninos tão malvestidos quanto. Eram da cidade. Das ruas da cidade. Às vezes eles conseguem entrar no condomínio por desleixo dos guardas. Algumas pessoas nas mesas olhavam assustadas, outras com complacência. Uma menina, filha de um casal que almoçava, doou seu prato de comida, um especial misto da Fazendinha, pra um dos meninos da rua. Estavam famintos. Aquela carne de clone foi saboreada às pressas pelos dois garotos. Os guardas vieram e educadamente acompanharam aquela família para fora do condomínio.

À noite, jantar com a família. As crianças novamente brincando com a comida. Petiscos de frango da Franguito's (agora mais saborosos e crocantes!) com suco artificial de laranja sabor natural. Ana tirava do forno a carne de porco DoRei. Eles ainda não sabiam sobre a doença do pai. Na tevê, notícias.

“Aumenta o número de mortes causadas pela doença agressiva. Segundo os ativistas do Movimento Pró-Vegetal, a causa da doença está na carne que consumimos.”

Um dos ativistas falou:

— Essa carne não é legítima, é carne de animais clonados cheios de substâncias venenosas pro ser humano. Por isso, nós do Movimento Pró-Vegetal temos como missão conscientizar o povo a não comer carne. Tudo que o homem precisa a natureza já oferece nos vegetais. Aproveito a oportunidade para agradecer o apoio de empresas parceiras, a rede Veganos de alimentos vegetarianos e a FruteiraDoce, frutas industrializadas totalmente saudáveis. Obrigado.

“Para o professor, nutricionista e pesquisador Alexandre Diniz, o problema não está só na carne.”

— De fato. Não podemos atribuir somente à carne a responsabilidade pela doença. Temos que ter noção que hoje em dia tudo que colocamos à mesa...

O tilintar de um garfo caindo no chão.

— Que merda! — gritou Ana, abaixando-se para pegar o talher.

Não lavou, como de costume, e voltou a comer, mais rápido, sem apreciar o sabor. Não falou nada a noite toda. Nem lhe recebeu com um sorriso. Nem perguntou como foi o dia no trabalho. Ela sabia. Deve ter visto o resultado do exame ou Zeta deve ter contado. Ana tinha classe, iria aproveitar o momento certo para lhe cobrar a omissão daquele segredo. Ela odiava segredos dentro de casa.

— A gente precisa conversar — ela falou.

Aquela frase lhe tirou todo o apetite que já não tinha. Após o jantar, no quarto do casal, Haroldo se preparava para se desculpar. Diria que faria um exame mais detalhado antes de contar, ou que queria preservar as crianças, ou poderia dizer que...

— Estou com a doença — revelou Ana, sentando-se na cama e chorando.

Passaram a noite acordados, ela chorando, ele imerso em pensamentos nada agradáveis, via uma mancha vermelha poluindo seu organismo a cada segundo. Essa mancha se estendia à esposa e em seguida aos filhos.

De madrugada, um rápido cochilo que foi interrompido por Zeta na forma de um galo feito de pixels cantando na parede em frente à cama. O galo desapareceu. Uma mensagem.

Rodando Aplicativo Atualidades... Aguarde um momento...

“Finalmente a cura para a doença mais agressiva dos dias atuais está disponível. Saiba mais.”

O casal ansioso trocou olhares de surpresa. Ana fez um gesto com o dedo em direção à notícia.

“O magnata e cientista alemão Adam Brauer, sócio fundador da BrauerMedical, uma das maiores indústrias de remédios do mundo, criou um soro de nanorobôs para eliminar os tumores malignos e regenerar as células. O que torna essa história ainda mais interessante é que Adam fez tudo sozinho dentro de um templo budista. Adam Brauer se tornou budista há mais de uma década e já não está à frente da empresa que fundou. Mesmo assim garantiu: — Não fiz isso por dinheiro. Não preciso mais de dinheiro. Fiz isso para salvar a humanidade. Quero que meu soro seja distribuído pelo mundo. A BrauerMedical acabou ficando com a patente. O Governo Federal já encomendou uma grande quantidade do soro para ser distribuído pelo SUS. Também poderá ser encontrado em farmácias e supermercados.”

“População mundial agora tem cura definitiva! Saiba mais.”

“Um milagre da medicina! Adam Brauer, o Salvador do mundo! Saiba tudo sobre a trajetória de vida do homem que salvou a humanidade. Saiba mais.”

“O fim da doença agressiva? O soro é confiável? Podemos confiar em nanorobôs? Saiba mais.”

O aplicativo de atualidades não parava em outro assunto.

Alguns meses depois. Haroldo levantava da cama feliz. Pisou na balança. Oitenta quilos. Estava mais gordo, mas não era essa a informação que lhe interessava. Após uma escaneada rápida Zeta confirmou o que já sabia.

— Agente agressivo não encontrado.

Estava limpo novamente. Sua esposa também.

— Papai — chamou a filha, que parecia assustada. — O Zeta falou que eu não estou bem...

Haroldo sorriu, foi até o armário do quarto, abriu uma das portas. Um estoque de soro bem armazenado com validade para dois anos. Pegou um e aplicou na menina. “Pronto, agora vá tomar café. E rápido para não se atrasar pra escola.”, “Tá bom, pai. Posso levar umas torradas Croquete sabor mortadela com queijo pra merenda?”, “Claro. Leve quantas quiser!”, sorriu o pai satisfeito.

No trabalho. “Seu Haroldo, comprei logo foi uma caixa de soro com cinquenta unidades. Está acabando rápido. No SUS nem tem mais.”, “Também abasteci lá em casa. Minha filha amanheceu ruim e já resolvemos. Trouxe até duas seringas de soro por segurança. Se eu me sentir mal, faço um exame digital ali na farmácia, e, se tiver com a doença, me aplico logo.”

“Olha ali, Seu Haroldo. Aquela família de novo. Coitados...”. A mãe mal vestida com suas crianças novamente tentando mendigar alguma coisa. Alguma sobra. Nada que fosse fazer diferença para as pessoas da praça de alimentação. Pareciam doentes. Até uns meses atrás aquela mãe não deveria passar dos vinte anos, agora não lhe dariam menos que quarenta. As crianças pareciam mais magras, frágeis. Estavam doentes sim. Muito doentes. Os dois soros no bolso de Haroldo pesavam.

— Acho que estão doentes. Pena que o soro do SUS já acabou — falou Saulo. — Agora só tem pra vender e tá cada dia mais caro. Não tem pra todo mundo. Vou comprar mais quando receber. Lá em casa não pode faltar. Nem sei quando vão repor...

Dois soros. Duas curas. Cada uma tinha o valor de uma barra de ouro. Num futuro próximo seriam mais difíceis de encontrar. Haroldo chamou a família. A mãe lhe olhou surpreendida, quase não acreditava que o gerente de um restaurante tão caro um dia poderia lhe dar atenção.

— Venham logo.

Ela se aproximou com suas crianças.

— Saulo, manda três pratos com carne especial e três Pop Ices de tangerina pra essas pessoas.

Saulo olhou para o patrão com respeito.

— Seu Haroldo, o senhor tem mesmo um bom coração.

As duas esperanças de cura no bolso voltaram a custar menos que dez créditos.

RODRIGO MORENO começou publicando um conto de terror na antologia *Sinistro!* no final dos anos 2000, e de lá pra cá publicou de maneira independente os livros *Outras Dimensões* de contos de terror, suspense, fantasia e ficção científica, *Vulto Negro*, *Cidade Condenada*, romance policial inspirado nos *heróis pulps* e *Eles Dominam*, uma pequena novela de horror cósmico.

PARASITOSE

Humberto Lima

MakroMégaVille de Paris, 2560 d.C

Anne Marie acorda um tanto febril e tomada por uma ânsia de vômito.

Mora no subnível da MakroMégaVille de Paris, a enorme cidade suspensa que domina a capital. A jovem loira de cabelos curtos ao estilo Chanel antigo tem apenas quinze anos, mas leva uma vida de miséria e provações desde pequena.

Não conheceu seus pais e muito provavelmente era apenas um clone de alguma madame, cidadã de primeira classe moradora do oitavo nível a quase oito quilômetros de altitude, que de certo queria ter um corpo juvenil onde pudesse gravar sua consciência, dando continuidade assim à sua vida de opulência, porém, muito provavelmente deve ter caído na pobreza como tantos outros europeus após a terceira Guerra Mundial de 2500 d.C. Os Clones, que tão orgulhosamente eram cultivados in vitro, passaram a ser sistematicamente destruídos quando seus donos não puderam mais pagar as exorbitantes taxas anuais, a maior parte foi simplesmente descartada nos subterrâneos da MakroMégaVille, porém alguns como Anne Marie, já nos estágios finais de maturação, acabaram acordando como criaturas sem mente definida. Pareciam humanos com alguma deficiência mental, mas gradualmente sua cognição despertava em suas sinapses e eles entediavam subitamente que estavam vivos.

A moça foi pega por contrabandistas, vagando como uma morta viva pelas catacumbas centenárias e, diferente de muitos outros, não teve seus órgãos vendidos, nem foi utilizada para alimentação, sendo triturados e misturados à ração vendida a milhões de parisienses em todas as zonas do subnível, passando pelo solo e chegando até o primeiro nível de Paris suspensa.

Apenas os miseráveis comiam aquela massa proteica, sendo que muitos até sabiam exatamente o que estavam comendo, mas não tinham outra opção.

A jovem foi arregimentada na rede de prostituição francesa, onde teve

o corpo usado e abusado por muitos meses, sem consciência do que estava fazendo. Certa tarde, em um amplo cubo habitacional do quinto nível, olhando para o relevo dos Alpes que se desenhavam ao longe, teve um start cognitivo, despertando completamente sua consciência e, ao perceber o que faziam com ela diuturnamente, matou o homem que pagou caro para abusar de seu corpo naquela tarde.

Fugiu para o elevador gravitacional inserido no pilar central da enorme Paris e desceu vertiginosamente até o térreo, abrigando-se com a massa de miseráveis que andava a esmo pelo subsolo dos antigos metrô e catacumbas parisienses.

Naquela manhã fria, a francesinha passou a mão nos lábios rosados sentindo-os descamar, tentou se levantar, porém a vertigem a fez cair sentada nos dejetos. Finalmente levantou aparando-se à parede de tijolos ancestrais e uma velha gracejou com ela:

— Viu? Foi comer escondida de nós, agora está doente e vai morrer!

Os olhos muito castanhos de Anne se arregalaram, ela não compreendia muito bem ainda o mundo em que vivia e tudo que lhe falavam, tomava por verdade absoluta.

— Le pardon... — implorou com lágrimas nos olhos.

Na noite anterior, vasculhando os escombros da Cidade Alta, havia encontrado uma lata amassada, e com auxílio de uma pedra conseguiu arrancar a tampa selada a vácuo.

Dentro havia uma massa disforme com um cheiro rançoso, Anne Marie mergulhou o dedo e o colocou na boca com um pouco de nojo. O sabor era estranho e não lembrava nenhum tipo de massa protéica que ela já tivesse consumido antes, porém a fome falou mais alto e a moça devorou o conteúdo da lata.

De barriga cheia, andou até onde se juntavam em volta de fogueiras fétidas em que os pobres queimavam restos de lixo para se aquecer e acabou dormindo. Agora seu olho estava estranho e a moça sentia que ele podia cair de seu rosto a qualquer momento.

A ânsia de vômito não passava e ainda sim Anne-Marie não conseguia vomitar.

Passos pesados se aproximaram rapidamente por trás da moça doente e uma mão enorme se fechou segurando seu braço, era um ciborgue particular de caça. As pessoas se levantaram vendo aquilo, sabiam que significava

problemas. Anne Marie se assustou enormemente quando Achille, o principal capanga do maior gigolô da Macromegacidade francesa a capturou.

— Monsier Pierre D’Lion está muito irritado com mademoiselle. Disse que o que gastou contigo ainda não foi pago e que você tem de trabalhar pelo menos mais cinco anos para ele, antes de poder sequer pensar em liberdade! — avisou o homem repleto de peças mecânicas com a voz sintetizada.

Passou a puxar a jovem por entre os antigos trilhos do metrô parisiense enquanto ela tentava se soltar de maneira inútil.

— Eu não vou voltar pra lá!

Tomada pelo desespero, Anne Marie pegou uma barra de ferro caída no chão e com ela atingiu as costas do cyborg, que mal pareceu sentir o golpe, ainda sim Achille parou.

Jogou a pequena francesa de corpo bem feito no chão e à vista de todos começou a tirar sua roupa produzida à base de película de hidrogênio, extremamente leve.

— Acho que o chefe não vai se incomodar se eu usar parte do meu pagamento agora mesmo.

O sorriso do cyborg é desagradável e a jovem, passando muito mal, tentou se afastar quase se arrastando sobre os trilhos enferrujados. Ela sentia como se seu olho fosse cair e uma voz martelava incessantemente na sua cabeça:

— FOME!

A população em volta apenas olhava assustada, pois sabem o que aconteceria com eles se tentassem interferir. As mulheres acompanhavam o desenrolar da situação com mãos crispadas sobre a boca, sabendo o tipo de violência que a jovem iria sofrer, enquanto homens lascivos arregalaram os olhos, sorrindo uns para os outros e querendo estar no lugar de Achille.

O cyborg retirou a jovem do chão sujo onde ela estava e, com apenas uma mão, rasgou o fino tecido que cobria o corpo frágil da clone.

A levantou o mais alto que pôde e a lambeu do púbis até o rosto, enchendo-a de nojo. Finalmente isso fez com que Anne Marie conseguisse vomitar, o Jorro atingiu a cara de Achille em cheio, que chegou a engolir um pouco do líquido ácido, e as mulheres que formavam parte do público daquele espetáculo horrível a ovacionaram, sentindo-se vingadas.

— Sua... Sua... PORCA!

O ciborgue gritou possesso e a jogou longe, fazendo a moça cair de cabeça nos trilhos de ferro antigos. O olho de Anne Marie saiu do rosto para o

horror de todos os espectadores daquela terrível cena. Anne Marie começou a gritar e Achille deu de ombros.

— Não importa, os nanorrobôs podem te curar em instantes! Você vai vir comigo, agora! — comentou o ciborgue, limpando-se do jato de vômito que recebeu no rosto.

O olho castanho, descolado do rosto, se levantou como a antena de um inseto observando todos em volta, e uma voz que não pertencia à garota gritou através de sua garganta:

— Fome! Fome! Estou com muita fome!

Achille se aproximou de Anne Marie, levantando-a pelo braço.

— Comerá quando chegar ao primeiro nível, sua porca.

Com uma força surpreendente que não apresentara antes, a moça puxou o ciborgue para baixo abocanhando as peças mecânicas que envolviam o seu cérebro orgânico.

— Não! Fome! Comer agora!

Com uma dentada, ela arrancou um pedaço do plasto-carbono, um composto ferroso, feito de nióbio e enriquecido com nanotubos de carbono prensados a altas temperaturas.

— Isso não bom! Quero carne! Sinto cheiro da carne! — a voz da jovem estava irreconhecível.

Achille, assustado com a dor súbita, tentou se desvencilhar da moça, porém a força dela havia crescido demais. De dentro do nariz e da boca da jovem, emergiu uma massa rosada como carne fresca na forma de um tentáculo carnoso, essa massa se entranhou na carne do próprio ciborgue, criando um amálgama e começando a absorvê-lo rapidamente.

— Não! Me larga! Me largaaaaa!

Com um comando neural, o homem mecânico armou seu punho, abrindo um orifício por onde um disparo de plasma abriu um furo no peito de Anne Marie. Ela arregalou o único olho em seu rosto e o tentáculo se soltou do ciborgue. Ela caiu de joelhos no chão com um olho vidrado e o outro dependurado caído no ombro.

Está Morta. Os sensores de Achille não captam nenhum batimento cardíaco vindo da clone. O sangue escorria da cabeça e do pescoço do cyborg e ele só não estava morto porque os nanobots inseridos em seu sistema faziam hora extra conectando seus sistemas vitais e não deixando-o colapsar.

— Maldita puta! O que foi isso? — perguntou-se passando a mão biônica sobre a cabeça sintética aberta a dentadas.

Nesse instante, Anne Marie estremeceu e pulou sobre o ciborgue, o furo por onde o plasma havia atravessado começava a se encher de filamentos de carne, onde todos podiam ver que dentro dela algo se movia tal qual vermes.

— Fomeeeeeeeee!

Dessa vez, o caçador biônico foi pego de surpresa e seu rosto inteiro desapareceu de uma única vez, sendo literalmente engolido por uma massa de carne que saiu pela boca, nariz e pelo olho da garota.

Dos pés à cabeça, tudo o que não era artificial no ciborgue foi rapidamente devorado. Anne Marie se colocou de pé e virou o rosto lentamente na direção do público aterrorizado.

Um velho levantou a mão, congratulando-a:

— Isso mesmo! Acabe com esses Neo-Fascistas! Vive la France!

O olho na ponta do tentáculo observava as dezenas de pessoas e ela disse uma única palavra, antes de avançar sobre eles também:

— Fome!

Os parisienses começaram a gritar, fugindo da voracidade insaciável daquela garota nua, que os devorava, e a massa de seus corpos desfeitos começava a fazer parte de próprio corpo da jovem saindo como um tipo de gosma formada por centenas de membros, olhos, bocas e narizes humanos.

Nível após nível a criatura ataca a população comendo-os e agregando-os a seu corpo, aumentando sua massa exponencialmente, com milhares de bocas que lamentam em escala monstruosa antes de serem completamente absorvidos e perderem a consciência, arrastando Anne Marie pelos olhos e pela boca como um tipo de apêndice bizarro.

A cada nível invadido, aquela massa grotesca de carne se derrama sobre a população, absorvendo a matéria orgânica de homens, mulheres e crianças, tornando parte do seu próprio corpo. Ignora solenemente os animais, porque a genética deles não é compatível com a do corpo humano que tomou.

As forças de segurança tentam combatê-la, atirando intensas rajadas de plasma, que perfuram a massa de carne em movimento constante, mas não a matam, e logo se tornam presa dela.

A cada nível que a criatura esgotava, escalava um quilômetro serpenteando pelo Pilar Central da MakroMégaVille até chegar no piso superior. Uma a uma, Anne Marie devora toda a população do lugar, até chegar ao oitavo nível, onde vive a elite da França.

Tentam usar contra a criatura um canhão de antimatéria, proibido pela convenção da ONU do ano de 2250, mas mesmo esse canhão, que só podia

dar um tiro a cada meia hora, não conseguiu acabar com a ameaça da criatura, esta arrastava Anne Marie protegida sobre uma massa de carne para que a moça não se ferisse, enreda os parisienses nos seus tentáculos, começando a absorvê-los mais lentamente agora, saboreando seus corpos e depois disso foi atrás dos últimos milionários franceses que farejou escondidos em seus bunkers, utilizando a força dos milhares de músculos consumidos quebrou as portas de aço carbono como se fossem feitas de papel.

Um fio de baba escorria da boca de Anne Marie e esta gargalhava quando percebia, com os milhares de olhos absorvidos pela massa, que muitos dos que ela consumia foram homens e mulheres que abusaram dela em um passado recente, quando ainda não conseguia reagir.

Toda a MakroMégaVille de Paris foi consumida em questão de algumas horas e o único ser vivo na torre imensa era aquele gigantesco amálgama de humanos devorados. Por um instante que pareceu quase eterno, o silêncio se fez.

Logo algo caiu do alto da MakroMégaVille despencando os oito quilômetros de altitude em alguns minutos. Era o parasita que pousou com força no solo infectado da França e seus tentáculos começaram a varrer as ruas prendendo e absorvendo todos que conseguiu pegar.

Anne Marie chorava agora, matar a população inocente não era o que ela queria, mas o poder do ser era descomunal e suplantou sua própria força de vontade. Agora tudo o que a clone podia fazer era observar enquanto o parasita que se apossou de seu corpo, saciava sua fome com os habitantes das cidades em torno de Paris e cada vez mais ele esticou seus tentáculos comendo toda a população do país.

Alguns dias depois, não havia mais um único francês vivo em um raio de mais de seiscentos mil quilômetros quadrados. Finalmente os tentáculos se retraíram e aquela massa enorme começou a hibernar. Anne Marie foi envolvida em uma grande camada de carne e pele que a mantiveram aquecida e ela começou a cantar baixinho uma canção que escutara uma criança cantar certa vez, no elevador gravitacional quando foi atender clientes no segundo nível quando ainda não conseguia reagir aos abusos:

"Au clair de la lune
 Mon ami Pierrot
 Prête-moi ta plume
 Pour écrire un mot

Ma chandelle est morte
Je n'ai plus de feu
Ouvre-moi ta porte
Pour l'amour de dieu...
... Au clair de la lune
On n'y voit qu'un peu
On chercha la plume
On chercha le feu
En cherchant d'la sorte
Je n'sais c'qu'on trouva
Mais j'sais que la porte
Sur eux se ferma”

Após isso, a doce Anne Marie adormeceu.

Fronteira da França com a Alemanha, região da Alsácia. 2561 d.C

Os dois guardas da fronteira bebiam Jägermeister e esfregavam as mãos com o frio. A neve caía devagar quando perceberam uma pessoa que se aproximava ao longe do posto da guarda. Sacaram de imediato seus rifles de plasma e apontaram para o vulto indistinto.

— Wer geht dahin? — gritou um deles, querendo saber quem estava chegando.

— Je suis Anne Marie, uni personne perdue... — respondeu a voz suave, se dizendo perdida.

Ela vinha caminhando nua em um frio de dez graus negativos, sem parecer sofrer nada com isso e os dois soldados guardaram os rifles de plasma, observando satisfeitos o corpo da jovem garota.

— Olha só isso! É uma vagabunda francesa! — disse um deles.

— Bem, se quer entrar em nosso país, vai ter que nos dar alguma coisa! — avisou o outro, já pegando nos seios alvos da clone.

— Eu não vim para dar nada. Eu tenho fome.

O soldado foi deslizando suas mãos entre as pernas dela.

— Depois te damos um pouco de porco, agora, vai nos divertir.

A jovem segura sua mão enluvada.

— Eu vou comer todos vocês!

Seu olho direito começou a se projetar para fora em um estranho tentáculo e os soldados gritaram, sacando seus rifles de plasma.

*Ao luar
Meu amigo Pierrot
Me empreste sua pena
Para escrever uma palavra
Minha vela apagou
Eu não tenho fogo
Abra sua porta
Pelo amor de Deus
 Ao luar,
Nós só podemos ver pouco
Eles procuraram a pena
Eles procuraram o fogo
Na tentativa de a encontrar
Eu não sei se a encontraram
Mas sei que a porta
Deles se fechou

HUMBERTO LIMA é professor, escritor e desenhista e organizador. Participa em mais de 70 antologias de diversas editoras. Autor do livro: ***Saturno, o Vampiro.***

SAL

Debora Cristina Grosko

Horas, dias, meses e anos seguem sem pressa, retrocedem ao tempo e se abastecem dele. O futuro do mundo aguarda o ciclo das características, mudanças e adaptações do presente e do passado.

Sem civilização à vista, próximo a ruínas de pedras, em um abrigo subterrâneo, abaixo do solo árido, buscando reconforto em lembranças que acumulavam na alma encontrava-se Sal, cercada por cobre, latão, engrenagens de relógios e objetos de metais enferrujados que decoravam o local. O odor forte de gasolina e de óleo diesel expandia-se no ambiente.

A imagem refletida no espelho revelava uma mulher jovem, alta, magra, com cabelos longos, finos e compridos presos por óculos de latão com armação grande e redonda no alto da cabeça. Algumas mechas de cabelo soltas encobriam parte da face. Os olhos vermelhos e cansados eram ladeados por uma fisionomia melancólica e reflexiva. As botas de couro, ajustadas à pele, ficavam acima dos joelhos, o cinto largo repleto de acessórios atenuava a cintura fina. A roupa de vinil, justa e preta, adornada por metal, refletia intensamente com a luz do luar. Nas mãos, as luvas deixavam as pontas dos dedos à mostra.

Prometida de silêncio, ela esperava. Não carregava culpas nem remorsos. Guardava sentimentos não revelados em seu coração. Por um longo tempo, perdida em seus pensamentos, enquanto girava um enorme globo terrestre vazado, cujo metal brilhava tanto quanto sua roupa, ficou perdida em seus pensamentos.

Tudo era mutação no ar enevoado, menos a presença de Sal, cujos lábios secos sussurravam diante da sombra da lua projetada por entre uma fresta, sua única testemunha. Além da companhia da lua ela não tinha mais ninguém para confessar seus segredos.

Anos e madrugadas temperadas pelo travo da solidão e do ressentimento. Sentia-se abandonada e traída pela promessa de encontrar a Grande Cidade.

Com os lábios cerrados, ela sussurrou a voz que não ouvia há tantos silêncios:

— Eterna noite é a minha! Ela surge e vai embora num ciclo infinito. Por que nunca mais voltou? Um dia vou te reencontrar?

Queria respostas, mas não as tinha. Carregava sonhos e o tempo. Na solidão, esperava alguém. Abandono e desencontros. Não sabia quando também iria embora daquele chão árido em busca da Grande Cidade. Aprendeu a ser forte com o destino da humanidade. Num mundo em que engrenagens e combustíveis valiam mais do que pessoas, Sal era um mistério e um enigma a ser desvendado.

Há tempos não ouvia nenhum motor rugindo. Sentia-se protegida. Adormeceu.

O sol do meio-dia queimava e ardia o solo e a paisagem ao redor. A sede a encorajava a seguir adiante, num trajeto difícil, doloroso e perigoso, estava só, sem se sentir sozinha.

Ela montou em seu cavalo motorizado e seguiu em frente, um olho na angústia, outro no firmamento, sem a presença e a companhia de uma nuvem sequer. Queria ter asas, pairar no céu e conhecer outros lugares, buscar respostas, atravessar a imensidão daquela fronteira.

Após seu particular com a solidão, voltava com o recipiente repleto de água, apagando rastros marcados pelo caminho. Exausta do longo trajeto, sentada em um trono adornado de materiais reciclados, tentava abrandar a realidade. Em meio a uma frota de carros, motos e aeronaves abandonadas, contemplava as cruces de metais fincadas no chão, rodeadas por montes de pedras.

Ela levantou-se do trono e seguiu na direção das cruces, prostando-se de joelhos diante de uma cruz menor e chorando todas as suas dores. Entregou-se por horas a esse gesto. O sol ardia e iluminava tudo com intensidade e amplidão refletindo o metal.

Um arrepio atravessou-lhe a espinha. Ficou perturbada quando escutou o som de motores próximos. Ao respirar sentiu pontadas no peito e a cada respiração o ar ficava mais pesado. Não tinha forças para se levantar e fugir. Não conseguia sair do lugar. Seu rosto transformou-se, em um misto de compaixão e desespero.

Com o barulho dos motores ecoando mais próximos, rastejando, ela conseguiu chegar ao abrigo, trancou a porta de acesso e desabou no chão, inconsciente.

Ele, guiando uma máquina de guerra gigante, com uma peça giratória

na frente do motor, rompeu a porta de acesso do abrigo.

Na linha da fronteira, com os olhos entreabertos, ela viu os pais sorrindo, sua mãe que segurava um bebê no colo, e seu pai estendeu-lhe as mãos e a convidou para se unir a eles.

Ele desceu do veículo motorizado e, desesperado, tentava reanimá-la:

— Sal! Não me deixe, meu amor. O que as máquinas fizeram com nossos destinos?

DEBORA CRISTINA GRSKO é natural de Guarapuava, PR. Participou de concursos literários em nível nacional e, sendo uma das finalistas, conquistou a publicação de livro infantil, conto, miniconto, microconto e poema.

DIAS MELHORES

Pedro Guerra Demingos

Miguel

rastejou pela terra úmida embaixo do pé de café, ajustando seu monóculo biônico para ver entre as sombras. Se ele não encontrasse frutos maduros hoje, nem precisaria voltar amanhã, porque então seria tarde demais para secá-los. O aniversário de sua mãe já estava chegando. Tudo que ele queria era dar a ela uma xícara da bebida que, segundo os mais velhos, cheirava aos tempos de antes da guerra. Tempos com os quais Miguel podia apenas sonhar.

Estava fresco e úmido sob a redoma de folhas. O garoto se levantou, evitando as poças d'água, e limpou a camisa surrada. Ele estivera sob o pé de café várias vezes nas últimas semanas, mas ainda era difícil acreditar que a planta havia crescido sobre um carrinho-de-mão abandonado; o tronco despontando da caçamba, as raízes rompendo as tábuas e descendo até o chão. Devia ter sido isso que salvara o pé dos banhos de sal, enquanto todos os cafezais da região tinham sido destruídos.

Quando Miguel levantou a cabeça à procura de frutos maduros, o brilho do céu em meio aos galhos o cegou. Ele levou a mão à lateral do rosto e desligou o monóculo biônico. A luz deu lugar a pós-imagens azuis, que dançaram à frente dele enquanto sua cabeça doía. Alguns segundos se passaram até que a visão natural do garoto se acostumasse à sombra, revelando galhos cheios de bolinhas verdes e mirradas. Estas não serviam para nada.

Foi então que Miguel viu um ponto vermelho. O garoto correu e ergueu a mão para agarrá-lo, já imaginando o sorriso de sua mãe quando provasse o café coado. Mas o ponto vermelho abriu asas e disparou zunindo para a sua cabeça, ficando preso em seu cabelo. Um maldito besouro. Miguel se sacudiu, tentando se livrar do inseto, mas perdeu o equilíbrio. O mundo girou à sua volta, e ele caiu em uma poça d'água.

Miguel assistiu o besouro vermelho voar para longe. Ainda caído na lama, o garoto soltou um suspiro e fechou os olhos. Talvez fosse melhor desistir

daquilo e voltar à lavoura; afinal, o milho não se colheria sozinho. De qualquer forma, que garantia Miguel tinha de que aquele café viria a amadurecer? Depois de tantos anos sob as chuvas de gelo e os ventos tóxicos, era bem possível que...

Um cheiro forte interrompeu seus pensamentos. Ainda caído na lama, Miguel abriu bem os olhos e inclinou a cabeça para cima. Franziu o cenho e ligou seu monóculo, ajustando o brilho e expandindo a imagem, procurando aquilo que chamara sua atenção. Lá estava. Dessa vez não havia dúvida: o aglomerado de bolinhas vermelhas sobre sua cabeça só podia ser um galho repleto de frutos maduros.

Miguel inspirou mais uma vez, abrindo um sorriso. Aquele aroma era, de fato, uma promessa de dias melhores.



AS VAMPIRAS DE GIULIA MOON

Malena Regina

EM

fevereiro de 2021, uma nova edição do livro *Flores Mortais* foi lançada pela editora Sisko. O livro reúne alguns dos contos escritos por Giulia Moon, autora da série Kaori e uma das maiores escritoras brasileiras quando o assunto é vampiros. O livro também conta com ilustrações lindíssimas feitas pela própria escritora. Para quem é fã da temática, definitivamente não pode perder essa incrível edição.

Flores Mortais é composto por sete contos, cada um protagonizado por uma vampira diferente. Entre os contos há *Dragões tatuados*, protagonizado por Samuel, um observador de vampiros que acaba cruzando uma linha muito perigosa em sua profissão. O conto deu origem aos livros posteriores sobre a vampira Kaori, que abordam desde a sua transformação no Japão feudal até sua vida no Brasil moderno, além de trazer o conceito da misteriosa agência de observação de vampiros, que aparece brevemente em outros contos. Há também a volta da vampira Maya e seu mordomo humano Stephen, que têm a história finalizada exclusivamente nessa edição. Maya vive uma relação complicada com diversos vampiros a sua volta, em um constante jogo de poder e mentiras, mas também apresenta conflitos consigo mesma e com Stephen, que se torna cada vez mais indispensável, por mais conflitante e problemático que essa relação possa ser.

Além disso, há o conto *A dama-morcega*, protagonizado por Agnes, uma vampira que está presa e é exibida como atração de circo, para logo em seguida virar uma cobaia de um médico. Médico este que se torna cada vez mais enlouquecido com tudo que Agnes é, com a sua imortalidade e capacidade de regeneração. Em *Rock'n Rose* vemos um breve momento de caçada da vampira Rose e em *As vampiras de Kenshin* vemos a caça da vampira Luiza se tornar um confronto direto e uma verdadeira cena de ação. Em *Danse macabre* Íris cria uma enorme ilusão para suportar o peso e o vazio da imortalidade. O conto *A santa dos meninos de rua* tem uma vampira mais sutil e distante, acompanhamos o terror de um menino pobre, Pipoca, que passa uma noite na rua cheia de perigos e o interessante deste conto é que a vampira não é a criatura mais cruel que vai assombrar o garoto. Aqui

também é possível perceber o poder de atração dos vampiros, o quanto Pipoca se vê intrigado e curioso para saber como seria viver naquele mundo.

Claramente os contos são bem diferentes entre si, alguns partindo diretamente da consciência e sentimento da vampira principal, mas também há os que partem da perspectiva de suas vítimas. Cada conto nos revela o universo sombrio, misterioso e contraditório de sua vampira principais. E Giulia Moon novamente nos presenteia com a sua incrível capacidade de capturar a essência e toda a simbologia que os vampiros representam. Afinal, vampiros são seres assassinos e violentos, mas também sedutores e atraentes, são monstros sanguinários, mas também são profundos. Vampiros são uma sutil linha entre o macabro, o horror e a paixão, o desejo, e Giulia Moon entrega isso em cada uma de suas páginas. A autora retrata muito bem a dualidade delas, o quanto são sedutoras, lindas e atraentes, as vezes até de aparência frágil e dócil, mas nem por isso deixam de ser criaturas que se alimentam de sangue, criaturas monstruosas e nada humanas. Ao mesmo tempo que as vampiras são recheadas de sentimentos e pensamentos que parecem humanos (sentido medo, amor, solidão, tristeza, cansaço, compaixão), num piscar de olhos podem se transformar em assassinas, predadoras fortes, ágeis das quais é impossível escapar. Mas também podem ser criaturas que são capazes de amar, amar intensamente as suas vítimas ou outros humanos a sua volta, nem que seja por apenas uma noite, mesmo que isso traga complicações e dúvidas.

O livro é encantador em sua atmosfera meio macabra, meio violenta, meio sombria, e completo na missão de seduzir o leitor. Não perca a oportunidade de mergulhar nesse universo único, e ao mesmo tempo que representa tão bem tudo aquilo que os vampiros são, que Giulia Moon criou com tanta qualidade e maestria. Haverá muitas surpresas para serem descobertas, e muitas personagens icônicas para serem apreciadas.

MALENA REGINA é estudante de letras pela UFOP, publicou o livro de horror *Fábrica de pesadelos* pela Sinna Editora e tem contos disponíveis pela Amazon. Seu gênero literário preferido é o horror, mas também ama profundamente fantasias e histórias com bruxas, além de ser uma apaixonada pela literatura nacional, sempre querendo descobrir novos autores.

NOVIDADES E FUTUROS LANÇAMENTOS

Em outubro do ano passado, lançamos o nosso podcast, o Território Cyberus, nas principais [plataformas de áudio](#). Agora, estamos lançando *audiobooks*! E caso tenham alguma sugestão de assunto que vocês queiram conversar e/ou ouvir manda pra gente! Como sabem, estamos sempre correndo atrás de conteúdos novos.

Lançamos a **Associação Brasileira de Ficção Científica e Fantasia (ABFCF)**. Você pode conhecer a ABFCF [clikando aqui](#).

Em 2021, a pioneira americana da ficção científica fez 130 anos e para homenageá-la lançamos seu livro *Longe do aqui e agora*, publicado pela primeira vez em 1947 e até então inédito no Brasil. Para o livro ser lançado, precisamos da ajuda de vocês! Vocês podem conferir o projeto [aqui: catarse.me/clarewingerharris](https://www.catarse.me/clarewingerharris) até o dia 24/08/21.

É isto, pessoal. Obrigado novamente por ter lido até aqui e nos vemos em breve!